

VIEIRA, Arménio. *O poema, a viagem, o sonho* (poesia).  
Lisboa: Caminho, 2009. 132 p.

---



O cabo-verdiano Arménio Vieira é, depois de José Craveirinha (1991), Pepetela (1997) e José Luandino Vieira (2006), o quarto escritor africano a receber o Prémio Camões, no passado ano de 2009. Tem uma obra breve: apenas dois romances, *O eleito do sol* (1990) e *No inferno* (1999), e dois livros de poesia, *Poemas* (1981) e *MITOgrafias* (2006), a que se juntou este terceiro, *O poema, a viagem, o sonho*, recentemente publicado como reflexo directo da atribuição do referido prémio, resultante de uma recolha de “poemas [que]nunca mais saíssem da gaveta” (p. 5).

O título, em estrutura tripartida, adequa-se ao conjunto das linhas temáticas que percorrem o livro, embora essa estrutura não se reflita de modo visível, pois os temas vão-se cruzando, interpenetrando, como se intimamente dependentes uns dos outros.

O poema, “uma ponte entre o dia e a noite, entre o branco e o negro, entre a morte e a vida” (p. 41), é espaço de reflexão sobre si próprio, como arte poética do autor, explicitando influências mais ou menos directas, apresentando as razões das opções tomadas, como a da mais notória na obra, a prosa, uma vez que se afirma “Escandir o verso é ofício a que se furta o poeta. [...] pois sabe que é vão meter a faca no que não pode ser cortado” (p. 37). Neste volume, com efeito, o poeta usa exclusivamente a prosa, em textos quase sempre bastante curtos. O seu discurso, entre a ironia e o humor descrente, até mesmo céptico, tendo quase sempre por base uma narrativa, reinventa uma certa oralidade, com frases sintacticamente arrojadas, cheias de suspensões, encadeamentos longos, entremeadas com outras de carácter aforístico, por vezes de índole hermética, já que o poema é, também, “mistério” (p. 41).

O sonho, “isto é, a via pela qual viaja o sonhador” (p. 58), perpassa na obra como catalisador da escrita, pois é ele “a via pela qual o pássaro alcança o poema e canta” (p. 45), evidenciando tanto o eufórico como o disfórico, já que ambas as configurações da realidade existem e coexistem, para além da vivência e do desejo.

Já a viagem aparece mais diluída na obra, embora se possa ver que o sujeito poético viaja, geografica e

culturalmente, por um espaço amplo, maior que o da sua nação, pois a viagem encetada não se confina a um espaço físico ou cultural insular, ou mesmo africano, mas o poeta descobre o seu poema e o seu sonho a uma pluralidade de referentes universais, o que mostra um autor aberto ao mundo, não se esgotando em questões regionais/nacionais, que tanto marcaram, e ainda o vão fazendo, a formação das literaturas dos países que experimentaram a situação colonial, quer na sua produção quer na sua reprodução. Nesse sentido, e mantendo uma linha de continuidade com o que já surgiu nos volumes anteriores, embora em menor grau, a matriz cultural nesta obra é profundamente europeia, com diversas referências, indo da Antiguidade Clássica à actualidade. Essas referências estruturantes, que desempenham diferentes funções, de temas a exemplos, são mais ou menos directas ou evidentes e têm proveniências de áreas muito diversas: da filosofia (Platão, Plotino, Nietzsche, Shopenhauer...), da música (Bach, Strauss...), do cinema (irmãos Marx, Marlon Brandon, João César Monteiro...), de figuras históricas (Aníbal, César, Cleópatra, Octávio, Jesus, Santo António, Thomas Morus, Salazar, Einstein...), da mitologia (Orfeu, Afrodite, Pandora, Minotauro, Apolo...), de personagens literárias (Penélope e Ulisses, Helena, Heitor, Hamlet e Ofélia, Margarida e Mefistófeles, Julieta, Xerazade, D. Quixote...) e de autores (Homero, Píndaro, Shakespeare, Albert Camus, Harper Lee, Walt Whitman, Dante, Rimbaud, Verlaine, Jorge Luís Borges...), com algum destaque para os de língua portuguesa (Fernando Pessoa/Álvaro de Campos/Alexander Search, Gil Vicente, D. Dinis, Luís Vaz de Camões, P<sup>e</sup> António Vieira, Manuel Bandeira...), a partir dos quais o poeta faz alguns “pastiche” bastante inovadores. Apesar das múltiplas referências de que acima se deram escassos exemplos, algumas possivelmente menos conhecidas de leitores menos autónomos, a leitura da obra não é comprometida na totalidade pelo desconhecimento, pois é possível ler os poemas e tecer interpretações sobre eles, talvez mais ingénuas, mas válidas.

Além destas linhas principais, o sujeito poético reflecte ainda sobre metafísica, em poemas radicais e surpreendentes, sobre categoriais como o Tempo, o Bem,

o Mal, o Destino, a Eternidade, tendo ainda margem para desabafar, criar elegias, criticar opressores e analisar/apreciar as mulheres.

De destacar ainda os poemas que produzem um efeito duradouro de surpresa, pelo inesperado e pelo cómico, já que muitas vezes os poemas terminam, ou mesmo começam, com construções alternativas às vigentes, às esperadas, às comuns, criando, não a anarquia, mas a possibilidade de ver o mundo de uma outra forma, aquela que o poeta nos oferece, assim:

Há quem dê erros de ortografia da direita para a esquerda e há quem os dê seguindo os ponteiros do

relógio. Como havia Ulisses de se enganar na letra, já que os reis podem revogar a ortografia, além de que a tinta (a que havia), era vermelha e não azul, sendo que dez anos mais dez anos são vinte anos, contados gota a gota? Depois que tudo aconteceu, que importa saber se o homem era Ulisses ou Odysseus, ele que usou muitos nomes, dos quais NINGUÉM talvez fosse o verdadeiro? (p. 54).

TIAGO AIRES  
Universidade de Lisboa

Recebido: 10 março de 2010  
Aprovado: 15 abril de 2010